

## O lugar do canto<sup>1</sup>

*Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro<sup>2</sup>*

Os primeiros decênios da presença de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul – particularmente na Encosta Superior do Nordeste, conhecida como a Região Colonial Italiana (RCI) – caracterizaram-se por um processo de criação cultural, alicerçado em dois componentes básicos. Um desses componentes foi a tendência à manutenção de hábitos, valores e instituições da pátria de origem. O outro foi a contingência em que se viram esses imigrantes vindos das montanhas e vales pré-alpinos, da adaptação ao novo meio ambiente, que os obrigava a mudar seu modo de produzir e de viver. É a integração dos valores culturais trazidos como bagagem, mais os criados em função da adaptação, que permite falar no surgimento de uma nova cultura no Nordeste do Rio Grande do Sul.

Durante muito tempo, por falta de estradas e de outras formas de comunicação, as colônias italianas permaneceram como uma espécie de ilha em relação às demais sociedades existentes no Estado. Isso, mais a necessidade de conviver com um ambiente físico desconhecido, foram fatores determinantes para o surgimento e sedimentação de uma cultura, com traços particulares. A aculturação, com as inevitáveis mudanças produzidas, quando se juntam sociedades com diferentes tradições culturais, só viria a ocorrer intensamente num segundo momento, embora desde o início se tenham tornado visíveis alguns indícios de incipientes trocas culturais.

Assim mesmo, as comunidades rurais da região, que cobrem uma área aproximada de 8.000 km<sup>2</sup>, permaneceram isoladas por bastante mais tempo que as cidades. Foram as últimas a ingressar num efetivo processo de intercâmbio cultural que só começaria a ser significativo a partir de 1950. Nelas é ainda possível recolher traços, bastante mais definidos, do que foi a fascinante aventura humana de construir, com suor e teimosia, sua própria identidade.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado no livro: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente. *Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes – 25 anos do Ecirs*. Caxias do Sul: EducS, 2004. p. 339-345.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UFSCar. Docente do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: cmpjribe@ucs.br.

Esses valores culturais, criados e desenvolvidos pelos colonos italianos, estão aos poucos desaparecendo, mesmo porque a forma de vida, também nas zonas rurais, vai rapidamente se modificando. Querer preservá-los em toda sua plenitude é impossível, porque não se pode reter o curso da história. O que se pode fazer, e felizmente já começa a se tornar forte uma consciência nesse sentido, é não permitir que desapareça a sua memória. São esses aspectos que conferem a identidade peculiar da Região de Colonização Italiana. Preservar a imagem deles é preservar a memória da comunidade. Essa é tarefa da atual geração. Nela está empenhada a Universidade de Caxias do Sul.

Situada no centro geográfico e político da região, ela desenvolve, desde 1978, uma ampla pesquisa com o objetivo de resgatar a memória cultural da imigração italiana, com um levantamento sistemático dos bens e valores dessa cultura, ponto de partida para sua preservação e valorização.

### **O hábito de cantar**

O canto popular de matriz tradicional integra um conjunto mais amplo de manifestações da cultura oral na região da colônia italiana no Rio Grande do Sul. Desse conjunto fazem parte as histórias, as narrativas, os provérbios, enfim, as formas cristalizadas da tradição que a oralidade se encarregou de transmitir e preservar. Dentre todas essas formas, o canto aparece como uma das expressões coletivas que se reveste de maior significado. É um testemunho da origem do povo da Serra gaúcha. Isso vale dizer que o canto reforça, como prática coletiva, um dos traços de identidade dos descendentes dos imigrantes italianos.

Sempre se disse que os *italianos* da Serra gaúcha são alegres e gostam de cantar. A afirmação parece ser verdadeira. Entretanto, para esses peninsulares que emigraram pensando em *fazer a América*, o canto nem sempre foi manifestação de alegria.

Os imigrantes que se estabeleceram nas terras do Nordeste gaúcho experimentaram, depois das peripécias da viagem, a solidão das distâncias, o medo dos animais selvagens e da doença, o trabalho de derrubar o mato e abrir estradas, enfim, tiveram que *amargar* um reinício de vida sem um aparato cultural adequado a tantas mudanças ao mesmo tempo. Mesmo alimentando a esperança de construção de um novo lugar, de um novo espaço para si e para seus filhos, o sentimento de *desenraizado* acabou

por ditar-lhes um comportamento novo: cantar, no exílio, nem sempre voluntário, para lembrar lugares e pessoas queridas.

Na memória dos mais velhos ainda estão presentes as vozes que se alternavam, em coros improvisados, de uma encosta a outra dos montes. Era o tempo em que se faziam as primeiras roças ou se implantavam os primeiros parreirais.

Famílias de colonos, sem interromper o trabalho, entoavam canções que, ecoando pelo vale, eram ouvidas pelos vizinhos que plantavam ou desmatavam uma nova colônia. A resposta não se fazia esperar: outra canção rompia o silêncio e dava forma a uma *conversa* que poderá parecer, no mínimo, estranha para nós, hoje.

Os depoimentos colhidos ao longo da pesquisa mostram que, nos difíceis tempos do começo, cantava-se para *esquecer a fadiga do trabalho* ou cantava-se porque o canto fazia “ter outros pensamentos” ou, como disse Dona Romana Carra (75 anos, Antônio Prado), *cantava-se para não pensar*.

Na perspectiva com que são interpretados os depoimentos dos mais velhos que resgatam da memória uma experiência coletiva ou que refazem o discurso do pai ou do avô, pode-se concluir que o canto, na Região Colonial Italiana (RCI), teve a função vital de buscar um equilíbrio para as situações difíceis, através da criação de momentos de euforia.

Além dessa função, outra, mais duradoura, se incorpora à tradição de cantar entre a gente da Serra gaúcha: a de agregação social.

O espaço privilegiado para o canto associativo foi o *filó*. O *filó* pode ser definido como sendo o costume de reuniões entre parentes ou vizinhos mais próximos. Eram encontros sociais nas cozinhas, ou nas cantinas domésticas, sobretudo na zona rural. Dele participavam homens, mulheres, jovens e crianças. De um modo geral, fazia-se *filó* aos sábados à noite, porque, no dia seguinte (domingo), não havia necessidade de levantar cedo para trabalhar.

Nessas ocasiões as mulheres faziam, principalmente, a *dressa* – trança de palha de trigo que daria origem aos chapéus e às *sporte*. Remendar a roupa e fazer crochê eram outras atividades das mulheres no *filó*. Já os homens jogavam cartas e conversavam. Se o *filó* acontecia *in cantina* – no porão – desfolhava-se e debulhava-se o milho. Os homens podiam dedicar-se, também, a pequenas atividades artesanais como, por exemplo, fazer um cabo para a enxada ou tecer um cesto de vimes. As crianças brincavam com os sabugos do milho, ouviam histórias e, no verão, brincavam ao ar livre. É durante o *filó* que, entre

copos de vinho, emergem as canções que são executadas sem acompanhamento instrumental. Dessa forma, conserva-se o repertório do grupo nas suas variantes regionais, assim como se enriquece e se amplia.

Enriquecimento e ampliação que aconteciam na medida em que o vizinho, por exemplo, procedia de outra província italiana, distinta daquela do dono-da-casa, ou dos outros vizinhos, e sabia canções que esses não conheciam. Essas trocas é que deram origem a um repertório de cantos rico e diversificado na RCI. A prática de cantá-los nos encontros entre vizinhos, como o *filó*, ou em celebrações coletivas como *a sagra* – festa do santo padroeiro – reforçou a sua função de agregação.

O canto, na forma como é executado até hoje, isto é, em coro, se vincula à condição de *coisa* partilhada. Cantar *in compagnia* – na companhia de outros – significava, além do convívio grupal, partilhar do mesmo tempo livre. O lazer, freqüentemente associado ao tempo de refazer as energias para o trabalho, encontrava, nessas ocasiões, um momento privilegiado. Era um tempo livre, que se nutria do diálogo, da sabedoria dos mais velhos, da troca de informações, das novidades e do canto.

As transformações havidas, especialmente a partir da década de 50, alteraram a fisionomia da RCI: uma região que tinha, até aquela década, 70% de sua população dedicada à agricultura, passa à condição de segundo pólo econômico do Estado do Rio Grande do Sul, assentado, principalmente, na indústria metal-mecânica.

A eletrificação rural, a melhoria do sistema viário nas áreas rurais, os meios de comunicação, as decrescentes taxas de natalidade e a atração que as cidades passaram a exercer sobre a *colônia* são fatores que conferem nova dinâmica à cultura regional.

Muitos dos antigos costumes que davam sustentação a valores tradicionais foram sendo substituídos ou entraram em desuso. Um novo perfil se desenha na cultura da imigração italiana no Nordeste da Serra gaúcha. Esse perfil, que ainda tem traços essenciais da cultura de origem, também preserva o hábito de cantar.

### **A tradição do canto popular**

No quadro geral da cultura da imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul, uma das manifestações de maior autonomia e vitalidade é a tradição do canto popular.

Os italianos, ao emigrarem, trouxeram, em sua bagagem cultural, um amplo repertório de canções populares. Eram canções em sua grande maioria no dialeto de origem do imigrante, a que se somavam os cantos religiosos de função litúrgica ou paralitúrgica, em latim e em italiano. Esse repertório enriqueceu-se pela soma dos cantos das diferentes províncias de origem dos imigrantes, embora se acredita que predominem as procedentes do Vêneto, de onde veio o maior número de imigrantes que se estabeleceram na região. Enriqueceu-se, ainda, pelo acréscimo de alguns cantos compostos na própria RCI.

Ao longo de mais de um século, esse repertório modificou-se. Sabe-se que muitas canções desapareceram, como ocorreu praticamente com os cantos, rimas e jogos infantis e algumas canções de ninar – *le nine nane*. Delas permaneceu apenas a memória na lembrança de alguns velhos, que já não sabem cantá-las. Lembram-se, apenas, de fragmentos dos versos.

Já não há representação ritualística dos cantos *dela stela* que eram cantados à época do Natal, do Ano-Novo até a Epifania. Segundo depoimento de José Panozzo, da localidade do Borgo Forte, município de Antônio Prado, até a década de 50 ainda se cumpria o rito *dela stela* que consistia no seguinte: um grupo de 30 a 40 pessoas, entre homens e moços, do início da noite até o amanhecer do novo dia, percorria o caminho, de um extremo ao outro de uma dada Linha,<sup>1</sup> cantando, de casa em casa, cantos natalinos. Um dos cantores, à frente do grupo, levava um longo bastão em cuja extremidade havia uma estrela de papel de diferentes cores e, dentro dela, uma lanterna acesa. Por um dispositivo engenhoso, movido por uma manivela, a estrela girava, lançando raios coloridos. Hoje os cantores já não anunciam, de casa em casa, a chegada da *nova stela*. Eventualmente cantam os mesmos cantos na capela, durante a missa do Natal.

Ao lado dos cantos ritualísticos do calendário, como esses do ciclo natalino, havia aqueles dedicados aos ritos domésticos como o nascimento, o casamento, a vida familiar e a coletiva. Há um canto de bodas – *Mama mia la sposa la è qui* – que se acredita tenha sido um canto ritualístico: ele contém um esboço de representação, da qual provavelmente participavam a sogra, um convidado ou a madrinha da noiva, que lhe

<sup>1</sup> No traçado das antigas colônias, a **Linha**, também chamada de Travessão, na Colônia Caxias, é o caminho ou a estrada em cujos lados direito e esquerdo estão dispostas, respectivamente, duas séries de lotes, em sucessão vertical. Chama-se também de **Linha** o conjunto da faixa de território constituída pelas duas séries de lotes, paralelas à estrada central. (SABBATINI, Mário. *La Regione di Colonizzazione Italiana in Rio Grande do Sul: gli insediamenti nelle aree rurali*. Firenze: Consiglio Nazionale Delle Ricerche (CRAL), 1975).

apresentavam sucessivamente os objetos de trabalho e o noivo, elencados na canção. Informações dão conta de que, até meados do século XX esse canto de bodas ainda era executado nas festas de casamento da zona rural, da RCI, com as características mencionadas. Em outros lugares, também, ele era encenado em forma de paródia, como brincadeira jocosa.

Se os cantos de função ritualística entraram em desuso, o mesmo não aconteceu com os cantos líricos, satíricos, narrativos, que exerceram a função de cantos de agregação social. São cantos de conteúdo e estrutura diversos, cantados nos *filós* (reuniões sociais entre vizinhos, parentes ou amigos), na *sagra* (festa do santo padroeiro) nas reuniões familiares ou sociais e na bodega. Isso vale dizer que não há um repertório específico para cada ocasião.

Por outro lado, aqui foram inventadas muitas vezes, letras novas para melodias antigas, seguindo-se um processo comum no cancioneiro popular. A fundação de uma cooperativa, uma grande seca, a colheita da uva, a passagem de tropas revolucionárias, a adesão das mulheres à moda dos cabelos curtos, ou outros fatos da vida quotidiana deram motivo ao surgimento de canções novas.

Assim, tem-se ao lado de canções que falam dos Alpes nevados, das guerras, das referências geográficas a regiões da Itália, as que falam do amor de um soldado italiano, mas com surpreendentes referências geográficas da RCI. Também a melodia sofreu mudanças: assumiu novas formas, adaptou-se e mudou o andamento.

Aliás, outra particularidade do canto popular na RCI diz respeito à sua execução. Na maioria absoluta, a execução é coral, fato que justifica a existência de um grande número de coros espontâneos, sobretudo nas áreas rurais da RCI. A organização desses coros se faz, geralmente, por proximidade geográfica, e, na sua identificação, tomam o nome da capela, da linha ou do lugarejo a que pertencem. Essa, porém, não é a única forma de organização. Há os coros familiares (que tomam o nome da família dos cantores: Família Onzi, Família Antônio Fabro, Coro Virginio Panozzo), os formados por grupos de amigos e ainda os que se organizam ao sabor das circunstâncias. A forma mais freqüente de organização, entretanto, é o de *coro da capela*. Esses coros da capela são formados por pessoas, de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias, habitantes de uma mesma localidade que se reúnem para cantar na missa do domingo. Do repertório desses

grupos fazem parte não só os cantos sacros, mas e sobretudo, as velhas canções trazidas da Itália, ou aqui compostas e que são transmitidas de geração em geração.

### **O registro das canções pelo Ecirs**

Diversos registros foram feitos dos cantos populares da imigração italiana no Sul do Brasil (veja-se: CORRADIN, Giuseppe et al. *E cantavam...*, 1972; ROMAN, Ernesto N. et al. *Canti taliani*, 1980; BATTISTEL, A. I.; COSTA, Rovilio *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. 1983).

Essas publicações têm a preocupação de estabelecer uma versão mais ou menos padronizada das manifestações colhidas. O Projeto Ecirs busca, dentro de sua perspectiva de trabalho, documentar todas as variantes significativas, tanto da letra como da música, conservando-as em sua forma primitiva. O confronto dessas variantes permite melhor se aquilatar o que foi o processo de aculturação local neste como em outros segmentos da cultura.

Em 1984, o Ecirs editou o disco “*Mèrica, Mèrica – cantos populares da imigração italiana*”, ilustrando os primeiros resultados de pesquisa na região. Constan desse disco algumas das canções mais populares em toda a RCI. Entre elas está a conhecidíssima *Mèrica, Mèrica* ou *Canto dei emigranti* além de duas outras canções também ligadas ao tema da emigração: – *Mama mia dame cento lire* e *Il Sirio*. Os demais são cantos líricos, satíricos, militares e uma canção narrativa: *Sù 'l Castel de Mirabel*. São todos cantos trazidos pelos imigrantes – à exceção do *Ino a la Cooperativa*, composto na região – e que integram as manifestações comunicativas orais tradicionais, tanto na área rural quanto em um segmento significativo da área urbana regional.

O critério adotado para a seleção dos cantos desse disco foi o da popularidade. São eles cantados por todos os grupos, independentemente da área em que tenham sido coletados. São também canções das mais antigas na região, com exceção do *Ino a la cooperativa* aqui incluído como amostra da criação feita já no Brasil.

Observado esse critério, foi possível integrar, no roteiro desse disco, sete coros diferentes, entre grupos familiares, coros de capela e grupos de amigos, mantendo-se, com todo respeito, suas características espontâneas.

O modo de execução dos cantos desse disco reflete uma certa modernização em relação à forma tradicional de cantar entre os descendentes de italianos. Isto é, em alguns grupos, o canto é acompanhado por instrumentos musicais, gaita ou violão, e o ritmo é mais ágil, mais próximo aos modos musicais *modernos* de execução.

Os cantos desse que seria o primeiro volume de *Mèrica, Mèrica* foram recolhidos em áreas rurais dos municípios de Caxias do Sul e Farroupilha, no período de 1981 a 1984.

O volume II de *Mèrica, Mèrica* foi resultado de pesquisa realizada no município de Antônio Prado, também em áreas rurais, nos anos de 1985 e 1986. O critério adotado para a seleção dos cantos que integram esse disco baseou-se na especificidade do repertório dos grupos de Antônio Prado, por razões adiante relatadas.

O volume *Mèrica, Mèrica* III contém uma seleção de canções recolhidas nos municípios de Carlos Barbosa, Bento Gonçalves e Caxias do Sul, respectivamente nos anos de 1985, 1986 e 1987. Para organizá-los, adotou-se um critério que aparentemente se afasta do que foi observado nos volumes I e II. Ao ser organizado o elenco que integra esse disco, procurou-se mostrar como velhas canções, através de interpretações novas, adquirem um novo sabor e também reabilitam cantos quase esquecidos. De qualquer forma, porém, preservou-se o princípio que orienta a pesquisa do Ecirs: o respeito e a fidelidade ao modo como se expressa a cultura na RCI.

### **O caso de Antônio Prado**

Em Antônio Prado, supõe-se que também por circunstâncias históricas – o relativo isolamento com relação às demais colônias italianas devido à falta, por mais de 80 anos, de ponte sobre o rio das Antas, e sobretudo o tardio processo de eletrificação rural, iniciada apenas no ano de 1960, entre outros – conservou-se um número expressivo de cantos que não foram encontrados, até o momento, em outras áreas da pesquisa. É o caso de canções (ou baladas) narrativas como, por exemplo: *Dona Lonbarda*, *Gingin và in camera* (*La rondine inportuna*), *O Susana* (*La bella al ballo*), *Pelegrin che vien di Roma* ou *Bernardo o bel Bernardo*, esta última recolhida também, mas incompleta, em Galópolis, no município de Caxias do Sul.



Todas essas canções enumeradas são narrativas, isto é, contam uma história, freqüentemente com começo, meio e fim, são longas e *ricas em particularidades* como diz Roberto Leydi.<sup>1</sup> Para se ter uma idéia, o tempo de execução de *Dona Lonbarda* é de 15 minutos. Por esse motivo, nenhuma delas foi divulgada em disco, mesmo diante de sua peculiaridade e sua importância significativa.

Outras canções recolhidas em Antônio Prado, que também não integram a publicação em disco do Ecirs, são as canções ritualísticas das Festas Natalinas – *Le stele* – algumas rimas e jogos infantis, cantos religiosos e cantos cumulativos como, por exemplo, *Cosa magnerà la sposa*, um exemplar de canção de bodas raro e extremamente saboroso.

Além de preciosas raridades, é interessante observar a diversidade de execução dos dez grupos de Antônio Prado que participaram do registro. Pelas diferenças de execução, pode-se perceber formas tradicionais e formas mais recentes de cantar. Uma forma tradicional, por exemplo, é a presença de um guia do grupo coral, ou puxador do canto. Ele é chamado de *il primo*: é a voz que inicia o canto em todas as estrofes. O papel do guia é o de dar o tom e, às vezes, realizar certas modulações que nem sempre são acompanhadas pelas demais vozes. Chama-se atenção também para a ausência de acompanhamento instrumental, como característica de um modo mais antigo de cantar.

Outro aspecto observado é o da presença de dissonâncias em algumas execuções, em especial aquelas que parecem empolgar mais os cantores. Essas dissonâncias devem-se a uma menor disciplina, que a ausência de um regente permite. Quem já participou de uma festa de colônia e ouviu grupos entusiasmados pelo vinho cantando, certamente os reconhecerá nesse disco.

Em Antônio Prado, foi registrada também uma canção *cimbra*, publicada no disco *Mèrica, Mèrica II*. Ela é uma pequena peça *arqueológica*, que nos chega através da voz, um pouco trêmula, de um dos últimos falantes do dialeto cimbro. Ela documenta a presença, em Antônio Prado, de um grupo minoritário de imigrantes dos Alpes vênets, chamados *cimbros*, cuja língua era um dialeto alemão arcaico. Por muito tempo acreditou-se que os *cimbros* fossem remanescentes de um povo bárbaro da Germânia, os *cimbros*, que, em suas tentativas de se estabelecer no Sul da Europa, foram praticamente dizimados pelo Exército romano no ano 101 a.C. Entretanto, já no século passado, se confirmava a hipótese de que os assim chamados *cimbros* eram, na verdade, descendentes de imigrantes

---

<sup>1</sup> LEYDI, Roberto. *I Canti popolari italiani*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1978.

alemães, que, no século XIII da era cristã formaram comunidades alpinas nos domínios dos bispos de Trento, Vicenza e Verona.<sup>2</sup>

Com a imigração italiana para o Nordeste do Rio Grande do Sul, várias famílias *cimbras* estabeleceram-se em Antônio Prado, formando uma comunidade coesa e lingüisticamente uniforme. Passados 100 anos, seus descendentes falam o português, e a *koiné* – termo utilizado pelos dialetólogos Vitalina Maria Frosi e Ciro Mioranza para designar a fala comum na RCI.<sup>3</sup>

A primeira etapa do registro dos cantos populares foi realizada em Antônio Prado, em setembro de 1985. Os contatos iniciais com os diversos grupos deixaram entrever que não seria tarefa de uma ou duas semanas que daria conta do registro de tão amplo repertório. Nessa oportunidade, confirmou-se o predomínio dos cantos de matriz dialetal italiana sobre aqueles brasileiros, da moderna cultura de massa, já verificado em outras áreas de pesquisa.

A faixa etária dos informantes variava dos 22 aos 68 anos de idade, à exceção de um grupo da Linha Castro Alves. Nessa localidade, os registros foram feitos com um grupo de 15 rapazes e moças, cuja idade variava dos 16 aos 22 anos. Grupos como esse não são incomuns na região, embora de repertório predominantemente em língua portuguesa.

No mês de junho de 1986, prosseguiu-se à documentação do canto popular nas mesmas áreas iniciadas no ano anterior. Todas as gravações foram realizadas à noite por ser esse o horário disponível, depois de um dia de trabalho na roça, na boléia de um trator ou nos afazeres domésticos.

Os locais para o registro foram os mais variados: a pequena capela do lugar, a cozinha do salão comunitário, ou, na maioria das vezes, a casa de um dos integrantes do grupo. Quando as gravações se realizaram em casa de uma das famílias, cumpriu-se, como um ritual, o velho costume da colônia italiana: Fez-se o *filó*. E durante o *filó*, onde não faltaram o vinho, o pão, o salame, o queijo, os *crostoli*, as pipocas, foram se encadeando novas canções, ora em solo, ora em dueto, e, no mais das vezes, em coro. De gravador já desligado, reforçava-se a constatação: ainda não seria daquela vez que se poderia fazer o

<sup>2</sup> MIORANZA, Ciro. Os *Cimbros* de Antônio Prado (dialetto alemão falado por imigrantes italianos) In: *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Caxias do Sul: Educus, 1979. p. 247. (Anais do I e do II Fórum de estudos ítalo-brasileiros).

<sup>3</sup> FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Movimentos. Caxias do Sul: Educus, 1975. p. 70.

índice dos cantos populares da imigração italiana em Antônio Prado. Mesmo porque havia grupos nesse município que possuíam um repertório de mais de cem canções. Um dos informantes da Capela São Roque, durante a gravação, foi retirando dos bolsos do paletó pequenos pedaços de papel onde havia anotado a relação de alguns cantos que ele cantava, por inteiro, sem esquecer nenhum verso! [sic]. Eram ao todo 118 canções!

### **Outros grupos**

Um dos primeiros grupos a participar dos registros de campo, ainda em 1985, foi o dos Irmãos Dalcin, de Carlos Barbosa, como eram conhecidos. Eram 13 irmãos que residiam em Torino, a poucos quilômetros da sede do município. Quase todos agricultores, cantavam desde criança. O pai tinha alguns conhecimentos musicais e, a mãe, a paixão pelo canto.

As gravações com a família Dalcin foram realizadas numa das salas de aula da Escola de Torino, num ensolarado sábado de agosto, quando finalmente Amâncio, o mais velho, chegou na boléia de seu caminhão interrompendo uma das suas intermináveis viagens.

Outro grupo característico foi o Coral São Francisco, de Monte Belo, localidade então ainda pertencente ao município de Bento Gonçalves, hoje, município de Monte Belo. No ano de 1986, esse grupo, a exemplo de tantos outros existentes na região, era integrado por amigos que se reuniam para cantar. O que os caracterizava era uma contagiante alegria que transparecia no modo como cantavam. As gravações em Monte Belo foram feitas depois de uma janta *clássica*, entre pipas de vinho, na cantina de um dos integrantes do grupo, Jurcy Manzoni. Segundo eles, o canto é a melhor forma de *dire de si a la vita*, isto é, de dizer sim à vida.